



## **Mídias massiva e sindical na reconfiguração discursiva do sentido do trabalho na contemporaneidade<sup>1</sup>**

Nelson Toledo Ferreira<sup>2</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora, MG

### **RESUMO**

O mundo do trabalho sofreu mutações importantes no atual estágio do capitalismo que afetaram não só a estrutura produtiva, mas a postura dos profissionais neste novo cenário. A proposta deste artigo é discutir a penetrabilidade social da mídia massiva na construção de um discurso identitário do mundo do trabalho e da classe trabalhadora, que se contrapõe ao construído pelas entidades sindicais, causando um paradoxo.

**PALAVRAS-CHAVE:** capitalismo; mídia, sindicatos; trabalhadores

### **Introdução**

A importância da mídia na contemporaneidade é permeada por inúmeros estudos, mas consensuais de que é o principal instrumento de relações de força da sociedade e de agendamento dos assuntos cotidianos, interferindo em comportamentos, absorção de novos conceitos e temáticas a cerca do mundo. O discurso midiático articula saberes e poderes, na medida em que cria a percepção de realidades, pois os modos de fazer determinadas narrativas acabam por estabelecer estas realidades. Mesmo que os efeitos dos meios de comunicação de massa não sejam tão poderosos e definidores, o olhar do cidadão é sempre direcionado ideologicamente através da mídia. Os meios acabam por potencializar variáveis sociais, políticas, econômicas através de um posicionamento da ideologia hegemônica, reforçando este sentido de pós

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 7 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 13 a 15 de maio de 2010.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós Graduação em Comunicação e Identidade, da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora, MG, email: neotolledo@hotmail.com



modernidade em que estamos inseridos, que é alvo de polêmica entre teóricos pela angulação em que é analisado.

A proposta deste artigo é refletir como a mídia massiva é importante na assimilação de novas formas de se entender o mundo e o sentido do trabalho na contemporaneidade e o posicionamento da classe trabalhadora neste cenário a partir da análise de sua penetração nas esferas sociais e no seu poder de agendamento. Em contrapartida, o estudo visa revelar as peculiaridades da imprensa sindical, de forma majoritária, que busca um papel contra hegemônico na sociedade e tenta se posicionar e criar instrumentais de identificação da classe trabalhadora, buscando contrapor a um discurso modernizante destas relações do mundo do trabalho. Mas, apresenta algumas falhas estruturais e aposta em formações discursivas conflitantes entre um passado de luta e resistência e um perfil estereotipado do trabalhador pelas mídias massivas.

Deste modo, busca-se ainda refletir o que representam as identidades dos trabalhadores neste contexto moderno mediado por tantas mutações no mundo do trabalho, dos negócios, na reestruturação produtiva e nas relações sociais da contemporaneidade, permeados por uma mídia cada vez mais presente na sociedade. Hoje em dia, não tem como dissociar mídia e sociedade. Parte-se da perspectiva de que os processos sociais, políticos e econômicos estão cada vez mais acelerados exigindo uma capacidade de adaptação dos indivíduos nunca vistos a estas novas formações discursivas que aparecem no início deste século são projetadas por uma lógica midiática, seja na imprensa ou nos produtos culturais que veicula.

### **Pós modernidade e seus discursos no mundo do trabalho**

Vivemos um período em que geram muitas especulações, definições e nomenclaturas. Capitalismo tardio, pós industrial, pós fordista, pós moderno, modernidade líquida, cognitivo, de acumulação flexível, do conhecimento, do imaterial, dentre outros conceitos tentam dar vazão a uma série de condutas e comportamentos que marcam a sociedade atual nas esferas política, econômica, cultural e social. De acordo com Marta de Araújo Pinheiro (2007), apesar destas variadas nomenclaturas, existem pontos em comuns, que dividem este período entre o capitalismo, cujo modelo é a fábrica, denominado moderno e industrial, e o atual, baseado no conhecimento, na inteligência coletiva, na valorização do capital humano. Segundo esta autora, este momento atual ainda é mediado pelas novas tecnologias da informação, consumo



personalizado e comunicação, que acabam por legitimar determinados saberes sobre este novo mundo em que vivemos.

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2005) denomina este período de modernidade líquida, reafirmando estas características de aceleração rápida de processos e de mutações identitárias, no qual a realidade é permeada pelo global de forma intensa, tornando-os cada vez mais “líquidos”. Já o alemão Fredric Jamenson (2006) discute este período mostrando que a emergência do pós moderno está na relação com a nova fase do capitalismo, multinacional e de consumo, correlacionando com “o surgimento de um novo tipo de vida social e de uma nova ordem econômica – o que é chamado, em tom de eufemismo, de modernização, sociedade do consumo pós-industrial, de sociedade da mídia e do espetáculo, ou ainda, capitalismo multinacional” (JAMENSON, 2006. p.20)

Ricardo Antunes (2004) apresenta o que este novo período representa em termos de reestruturação produtiva e como estas alterações afetam a classe trabalhadora e dão um novo sentido ao trabalho. De acordo com o autor, as fases taylorismo e fordismo, que caracterizavam a era da indústria verticalizada, nas quais os trabalhadores executavam atividades especializadas em menor tempo possível vêm dando lugar ao toyotismo, um processo produtivo que exige um perfil polivalente e multifuncional do trabalhador. Ao contrário do fordismo/taylorismo, este modo de produção passa a valorizar a demanda de mercado segmentado, mais flexível e não tão mecanizada como as anteriores, exigindo esta multifuncionalidade do trabalhador. Esta fase é marcada pelos historiadores com o fim da época fordista, na qual as fábricas gigantescas com administração centralizada e hierarquizada dão lugar a unidades díspares com produção mais flexível de acordo com o consumo.

O fato é que muitos autores, de correntes de pesquisa diferentes, buscam uma periodização deste momento, mas nunca chegam a um consenso que identifique a ruptura de um período para início de um outro. Diante de tantos pontos de vista sobre este momento em que vivemos, decorre a importância de se discutir classe trabalhadora e mundo do trabalho neste contexto, quando estamos assistindo a construção de novas formações discursivas que têm como suporte toda esta reestruturação do capitalismo e suas implicações.

Os discursos da mídia massiva e sindical sobre a classe trabalhadora e o posicionamento da mesma na contemporaneidade são analisados sobre pontos de vista diferenciados. Determinadas correntes de autores revelam a necessidade de uma contra



reação da postura dos trabalhadores frente a estes novos desafios do mundo do trabalho para gerar possibilidades de empregabilidade, sucesso profissional e, ao mesmo tempo, garantir a dignidade e a valorização do trabalho. Já outros autores afirmam que a pós modernidade é um caminho sem volta, que exige que a sociedade se adapte cada vez mais e, traz consigo novas concepções de classe trabalhadora, mas não entram em críticas sobre o que perde e o que ganha os trabalhadores neste período, o foco é esta transição de discursos que são incorporados dia a dia pela sociedade no mundo do trabalho, legitimados pela mídia, fazendo apologia desta reestruturação do capital versus trabalho.

Forma-se um paradoxo de discursos que acabam tornando conflituosa a administração de debates sobre a relação capital/trabalho, posturas e o perfil da classe trabalhadora neste início de século. A chamada pós modernidade aparece como um fluxo de novos sentidos sociais, políticos e econômicos que não têm mais volta e que dinamiza o poder de luta da trabalhadora ao apostar no individualismo, competitividade e noções de sucesso profissional em que o importante é o ter cada vez mais coisas, objetos e projeções de status criado pela sociedade de consumo. Traz ainda alguns discursos que alteram esta percepção do trabalhador, como a substituição dos conceitos de classe social por grupos sociais e o fim do trabalho com esta mescla do espaço público e privado que o mundo do trabalho inaugurada com a telemática (os processos informatizados do trabalho do conhecimento). Por outro lado, cria-se um discurso de internacionalização da classe trabalhadora com mecanismos de resistência, luta e organização frente a estas novas formações discursivas que ora emergem na contemporaneidade. A própria ideia de classe trabalhadora já se altera com as inúmeras formas de trabalho e subemprego que são resultantes deste novo período. Antunes (2006) ressalta que na contemporaneidade, a classe trabalhadora entendida como aqueles homens e mulheres assalariados que vivem da venda da sua força de trabalho e que são despossuídos dos meios de produção passa a ser cada vez mais fragmentada e diversificada, com o subemprego, o emprego informal, o trabalho produtivo doméstico, a terceirização dos serviços, o part-time, que se caracteriza um vínculo de trabalho temporário, além dos trabalhadores desempregados, excluídos do mercado de trabalho como jovens não capacitados e pessoas com mais de 40 anos.

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman afirma que novas condições estruturais da sociedade capitalista levam os indivíduos a um processo reflexivo sobre as instituições e as relações sociais que mantém no cotidiano deste novo contexto. ‘(...)



as empresas modernas não favorecem mais uma postura de união e solidariedade dos trabalhadores, como em épocas passadas, favorecendo questões e conflitos muito mais individuais do que coletivos “(BAUMAN, 2005, p.39).

(...) tais pessoas prefeririam um hoje diferente para cada um a pensarem seriamente num futuro melhor para todos. Em meio ao esforço diário apenas para se manter à tona, não há espaço para uma visão de boa sociedade. (...) Levando-se tudo em consideração, as paredes e pátios das fábricas não parecem mais suficientemente seguros como ações nas quais se possam investir as esperanças de uma mudança social radical. As estruturas das empresas capitalistas e as rotinas da mão de obra empregada, cada vez mais fragmentadas e voláteis, não parecem mais oferecer uma estrutura comum dentro do qual uma variedade de privações e injustiças sociais possa (muito menos tende a) fundir-se, consolidar-se e solidificar-se num projeto de mudança. (BAUMAN, 2005, p. 41)

Segundo o autor este novo cenário acaba por enfraquecer e implodir qualquer campo de ação para os indivíduos aglutinarem forças em prol de uma causa, perdendo uma base comum sobre a qual era possível desenvolver objetivos e estratégias. Bauman lembra que os anos 1980 foram uma década de inventividade frenética, fazendo com que os mais diferentes grupos levantassem suas bandeiras reivindicatórias: gênero, raças, heranças coloniais, minando uma identidade única baseada na luta de classe que comandou toda a filosofia marxista e seus seguidores por décadas.

Autores como Ricardo Antunes (2004) ponderam que para compreender a nova forma de ser do trabalhador é preciso partir de uma concepção mais ampla do trabalho. E que todas estas mudanças estruturais no mundo do trabalho revelam uma heterogeneidade da classe trabalhadora tanto quanto uma constante precarização do trabalho sob as formas de desempregos, subempregos, intensificando a exploração para aqueles que trabalham. Segundo o autor, da mesma forma que este processo de mundialização produtiva ocorre, desenvolve-se uma classe trabalhadora que mescla sua dimensão local, regional, nacional com a esfera internacional. “Assim como o capital se transnacionalizou, há um complexo processo de ampliação das fronteiras no interior do mundo do trabalho. Assim como o capital dispõe de seus organismos internacionais, a ação dos trabalhadores deve ser cada vez mais internacionalizada” (ANTUNES, 2004, Acesso em 15/01/2010). Como exemplo pode-se citar a greve dos metalúrgicos da General Motors, nos EUA, em junho de 1998, iniciada em



Michigan, que teve repercussões em vários países, alterando a rotina produtiva da fábrica, bem como os grandes fóruns internacionais de trabalhadores para troca de experiências e fortalecimento da classe trabalhadora como em Fórum Internacional sobre Globalização e Sindicatos, ocorrido em fevereiro de 2009, em Pequim, China. Este evento contou com mais de 30 Centrais Sindicais dos cinco continentes do mundo.

### **Mídia massiva e seu poder de potencialização de efeitos sociais**

Os meios de comunicação de massa sejam impressos, eletrônicos ou digitais potencializam discursos que acabam reformulando percepções do real. A realidade perpassa por estes veículos, cujo enquadramento acaba modelando a percepção do real e os temas a serem discutidos nas rodas sociais. A mídia massiva traça uma nova percepção de sentidos do mundo do trabalho e pode estar acarretando alguns efeitos às entidades de classe, como por exemplo, a queda do número de sindicalizados, ainda mais daqueles que são considerados jovens e são mais expostos a concepção midiática de mercado de trabalho, carreira profissional, sucesso, dentre outros discursos da pós modernidade.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística revelam que os associados a sindicatos por faixa etária de 18 a 29 anos representam apenas 15% do número de trabalhadores sindicalizados no meio urbano em 2009. Tal percentual demonstra que o perfil do trabalhador contemporâneo não encontra ressonância com a imagem do trabalhador proposto pelos Sindicatos de classe. Parte-se do pressuposto, através destes estudos, que quanto mais novo o trabalhador, mais ele incorpora um perfil de trabalhador proposto pela mídia massiva, buscando garantir empregabilidade em um mercado cada vez mais competitivo que exige sempre um profissional multifuncional, ambicioso, centrado no individualismo de sua carreira e de oportunidades profissionais. Esta identidade é redesenhada através das mutações do mundo trabalho que é tão propagada pelos meios de comunicação de massa, como sinônimo de sucesso e de bem sucedido.

Pierre Bourdieu (1997) lembra que a televisão, principalmente, dentre outros meios de comunicação de massa, tem o poder de produzir um efeito de real. “(...) ela pode fazer ver e fazer crer no que faz ver” (BOURDIEU, 1997, p.28). Com isso propõe idéias e representações carregadas de implicações sociais, políticas, éticas e outras, que



acabam acarretando mobilizações ou desmobilizações. O autor revela a importância do jornalismo nesta construção da realidade, como se colocassem óculos nos espectadores para assistirem uma cena em determinado enquadramento.

Bernardo Kucinski (1998) lembra que é por meio da televisão que as classes B, C, D percebem assuntos atuais, adquirem novos hábitos e desenvolvem uma linguagem em comum, e, neste processo a ideologia dominante acaba garantindo um consenso e uma ordem social, conseqüentemente, mantendo o status quo de elites. Kucinski afirma que “devido ao grau de analfabetismo e ao baixo poder aquisitivo da população, a percepção política e da sociedade provém principalmente dos meios eletrônicos de comunicação, o rádio e a TV, e, em menor escala, da leitura de jornais e revistas, os poucos objetos de leitura popular regular” (KUCINSKI, 1998, p.16).

Para Kucinsk, cada veículo desempenha um papel de reforço da ideologia dominante no Brasil. Em sua opinião, o rádio é o veículo mais democrático dentre os meios de comunicação de massa por ser mais diversificado e heterogêneo, permitindo uma pluralidade de vozes, apesar da política de permutas para se obter concessões. Já as revistas são voltadas para públicos específicos e atuam determinando a agenda dos assuntos a serem mais importantes na sociedade, bem como reforçam a ideologia atribuída às classes médias. Os jornais impressos já desempenham o papel de condutores dos programas de rádio e de TV gerando pautas, mantendo-se nas mãos de poucas famílias que mantêm ideologias em comum. Neste cenário, Kucisnk conclui que a mídia no Brasil desempenha papel mais ideológico do que informativo.

(...) mais voltado à disseminação de um consenso previamente acordado entre as elites em espaços reservados, e, em menor escala, à difusão de proposições de grupos de pressão empresariais. Essa função de controle é facilitada pelo monopólio da propriedade pelas elites e por uma cultura jornalística autoritária e acrítica (KUCISNK, 1998, p. 17)

A cada ano a mídia permeia fortemente com seus discursos as questões sociais. As pessoas pensam a realidade a partir de um domínio do saber, o senso comum é atravessado por um domínio do saber, que se constitui pelas percepções sociais, práticas e pelo discurso midiático. E o discurso que nos identificamos estabelece relações de poder, pois o melhor comunicar é o melhor dominar. Com efeito, a mídia potencializa discursos, criando determinados efeitos e descartando outros.



### **Imprensa Sindical: paradoxos discursivos**

De acordo com o estudioso Tony André Scharlau Vieira (2004) estima-se que no Brasil exista cerca de 20 mil entidades sindicais de trabalhadores que produzem aproximadamente 20 milhões de exemplares por mês, o equivalente a tiragem de uma semana dos principais diários das capitais como São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Belo Horizonte e Brasília<sup>3</sup>. Trata-se de um número significativo de publicações que tem uma função primordial de crítica da sociedade, dando voz às classes subalternas, podendo se contrapor aos discursos das classes dominantes, mas que parecem não atingir a esta perspectiva por uma série de fatores abordados neste artigo.

Sebastião Geraldo (1995) destaca que o processo de globalização e mundialização do capital que atingiu os países desenvolvidos num primeiro momento, mas tem impactado os países do Terceiro Mundo - ainda mais aqueles que possuem um parque industrial como o Brasil-, ocasionou mudanças no mundo do trabalho e nos organismos sindicais e partidários. O autor ressalta a importância da mídia sindical como um componente da ação dos trabalhadores a partir de suas entidades de classe, pressupondo a comunicação como um fenômeno da atividade humana vinculado aos processos culturais, políticos, econômicos e sociais. O vínculo entre os demais campos propõe uma reflexão do jornal sindical neste novo contexto que ora se apresenta, principalmente no que se refere à construção identitária do trabalhador deste início de século.

Parte-se da hipótese que o jornalismo sindical é um meio de reforçar um entrosamento com suas categorias e buscar mecanismos de identificação profissional, mas existem algumas falhas estruturais nestes veículos impressos que necessitam ser repensadas, como por exemplo, a presença mais significativa dos trabalhadores das bases no processo de produção e editoração, mesmo que mediados por jornalistas profissionais; uma periodicidade mais efetiva e uma mudança em termos de conteúdos veiculados. Este tipo de mídia poderia veicular discursos que abrangessem um leque maior do cotidiano dos trabalhadores, principalmente, no que tange à dimensão subjetiva de seus receptores, garantindo uma maior atratividade, o que não é demonstrado de forma majoritária nas publicações destes organismos sindicais.

---

<sup>3</sup> Dados retirados do artigo “ O descompasso entre o discurso sindical e o trabalho de base também é uma questão de Comunicação, de Toni André Scharlau Vieira”, cuja origem é de uma avaliação de sindicalistas colhida por FRANZINI, João “ uma alternativa de 20 milhões de exemplares” IN: Revista de Comunicação, Ano 9, nº33, agosto de 1993, p.p 12 a 15.





Atualmente, muitos estudiosos destacam que estes jornais só tornam-se atrativos em períodos de negociações salariais, quebrando-se o elo político com as categorias e o poder de identificação profissional em outros momentos, uma vez que o tom político de resistência e luta só ganha coerência nestes meses em que o confronto patrão versus trabalhador se revela de forma mais marcante.

É importante refletir como este importante tipo de mídia pode ser um instrumental de mobilização, politização e conscientização da classe trabalhadora no momento atual. Considera-se que seria possível construir um vínculo identitário dos trabalhadores, independente da categoria a que pertençam, na medida em que se permitisse, na imprensa sindical, a construção de uma representação social menos simplista e idealizada do que aquela que costuma aparecer numa parcela talvez majoritária dessas publicações.

A compreensão da comunicação sindical passa, portanto, pela compreensão da contradição, do jogo de poder, dos antagonismos presentes no dia a dia das ações sindicais, das formas de organização do movimento sindical, de suas vinculações com o estado. (GERALDO, 1995, p.36)

Nas décadas de 80, 90 e início do século XXI, a imprensa sindical foi se adequando ao contexto social, político, econômico, vinculando seus discursos e suas ações propostas face às pressões que sofria a classe trabalhadora neste período marcado principalmente pela mundialização do capital, a globalização, e estruturação do processo produtivo.

Percebe-se que, no atual contexto, a imprensa sindical se afasta do modelo que marcou sua trajetória histórica, que era dar voz aos trabalhadores e ser um canal de crítica da realidade. Cada vez mais, ela própria é excludente: ampara-se apenas numa excessiva ênfase em conteúdos relacionados ao fator econômico, negligenciando as possibilidades de expandir seu universo de significação através de uma concepção cidadã do trabalhador, reforçando noções de coletivo e de politização na construção de uma sociedade mais justa e solidária.

Parte-se aqui da hipótese de que, agindo assim, os jornais sindicais acabam afastando suas categorias por não enfatizam outras dimensões identitárias dos trabalhadores – por exemplo, suas facetas como cidadãos que, compartilhada com todos



os demais, têm em comum o desafio de enfrentar, como sujeitos das classes subalternas, as mesmas mazelas de uma sociedade excludente. Quanto mais as categorias reforçam o individualismo nos seus discursos, mais fazem o jogo das classes dominantes, reduzindo seu poder de atuação, de mobilização e de questionamento da realidade. Quanto mais fragmentada for a articulação dos trabalhadores por categorias, menor seu poder de politização.

Se levada em conta a dimensão múltipla do trabalhador contemporâneo (cujas identidades não se resumem a uma visão economicista sobre seu papel no mundo do trabalho), a imprensa sindical pode vir a ser um espaço de aglutinação e produzir adesão coletiva aos projetos que visem os trabalhadores em geral. Mas alguns questionamentos se fazem necessários: se imprensa sindical hoje existente propicia identificação com este novo perfil profissional do mercado de trabalho contemporâneo e se as entidades sindicais do país conseguem atingir suas bases com efetividade ou, ao contrário, praticam em seus veículos um jornalismo marcado por uma visão homogeneizada e simplista sobre o trabalhador? A preocupação em atrelar seus textos e informações meramente aos aspectos políticos (vistos a partir do chavão e da redução analítica) e econômicos da vida destes trabalhadores, em detrimento de outras temáticas do cotidiano que poderiam ser utilizadas nesta construção identitária das categorias, dificulta a comunicação com esses setores? Afinal, além de trabalhadores, estes indivíduos possuem raízes de pertencimento a outros grupos sociais como família, escola, sexualidade, religião.

Cláudia Santiago e Vito Giannotti (1997) reforçam que o desafio da comunicação sindical, atualmente, é o de responder às demandas de milhares de trabalhadores que são estimulados a todo momento, pelos meios comerciais massivos e pela ideologia neoliberal, a vestir a camisa da empresa – o que implica permutar seus direitos por participação nos lucros e outras parcerias com os empregadores. No contexto atual surgem novos problemas e os trabalhadores desempenham papéis diferenciados como atores sociais que necessitam de novos discursos de suas mídias sindicais para forçar uma identificação - não se pode mais correr o risco de as publicações sindicais não serem (como provavelmente hoje não são) atrativas ao seu público leitor.

Esse jornal precisa ser muito bom, muito bonito, trazer assuntos bem interessantes, ligados à vida real do trabalhador. Caso contrário, seu destino será a lata de lixo. (...) o jornal do sindicato só vai ser lido se sua capa trazer a garantia de informações que interessem ao leitor.



(...) E também precisa ter características para estimular a leitura dos que não estão lá tão acostumados a manusear jornais. (...) A especificidade do jornal sindical está ligada, particularmente, ao fato de que todo artigo, toda notícia deve dizer respeito aos trabalhadores. Deve interessar diretamente, mexer com sua vida. (...) Isto não significa que o jornal sindical vai tratar apenas de salário ou condições de trabalho. Deve falar de livros, cinema, teatro, música, poesia. Dar dicas de locais baratos e gratuitos para o lazer. Precisa ter matérias que dialoguem sobre educação, saúde e meio ambiente. Todos esses assuntos devem ser tratados sob a ótica dos interesses dos trabalhadores, que são seu público leitor. (SANTIAGO; GIANOTTI, 1997, p.47).

Nazareth Ferreira caracteriza a estrutura sindical como fortemente burocratizada e autoritária, o que se reflete no seu sistema de comunicação:

(...) a comunicação sindical é vista pelos dirigentes, prioritariamente, como instrumento de mobilização, em detrimento da formação/informação; inexistente uma política de comunicação, o que resulta o não aproveitamento de sua potencialidade como comunicação de resistência das classes subalternas: privilegia-se a quantidade sobre a qualidade; o comunicador é tratado como um funcionário burocrata, o qual passa a ver o dirigente sindical como um empregador: tendência cada vez mais acentuada de seguir os padrões da grande mídia, tanto na forma como no conteúdo (por exemplo, a verticalização do processo de comunicação, tanto na relação dirigentes/comunicadores, como na relação comunicação/receptor) (FERREIRA, 1995, p.34)

Apesar de terem linhas ideológicas diferentes, a mesma perspectiva é compartilhada por Toni André Scharlau Vieira (2004). O autor revela que, do final dos anos 90 em diante, a comunicação sindical tem sido utilizada como instrumento de divulgação dos objetivos políticos e da visão ideológica de grupos que mantêm o poder sindical.

Ao comandar política e administrativamente os sindicatos, federações, confederações, centrais e até mesmo associações de trabalhadores, os dirigentes sindicais acabam atuando de forma autoritária e monolítica, ignorando alguns princípios básicos de convivência democrática. (...) como resultado desse autoritarismo, salvo raras exceções, o que se vê é uma produção de veículos de comunicação recheados de conteúdos inacessíveis para a maioria dos trabalhadores. Via de regra, para acompanhar o conteúdo hermético, a linguagem empregada tem semelhança com os discursos ou teses revolucionárias. Verifica-se, com frequência, o uso de desgastadas palavras de ordem, slogans e chavões de “esquerda” que vão do “trabalhador ou povo unido jamais será vencido”, até os “periódicos” não ao plano econômico do



governo”, ” aumento salarial e melhores condições de trabalho”, ” a luta contínua”, entre outros (VIERA, 2004, p. 339).

Outra questão que desvirtua a identificação destas mídias com seu público-alvo é que são usadas para uma finalidade específica, como mobilizações de urgência e campanhas salariais: normalmente elas se desviam de problemáticas de fundo da categoria. Não possuem uma periodicidade regular, o que dificulta ainda mais o processo de assimilação discursiva do trabalhador, que é gradual. Além do mais, o lado subjetivo do cotidiano dos trabalhadores é relegado a um plano afastado, sendo que poderia ser utilizado para conferir maior atratividade a estas publicações e criar identificação.

(...) mas há de se evitar dar destaque excessivo aos aspectos sociológicos, políticos ou econômicos, menosprezando ou ignorando outras manifestações do campo existencial e cultural. Mais espaço para o lazer, o deleite e a fantasia poderiam ajudar a conferir maior atratividade aos micromeios, já que fazem parte do mundo dos anseios e dos interesses das pessoas, na busca da felicidade (PERUZZO, 1994, p. 152).

Percebe-se através destas discussões teóricas que nos dias atuais a imprensa sindical reproduz um modelo hegemônico dos meios de comunicação de massa, uma vez que, em sua maioria, não realiza uma comunicação democrática, feita e produzida por todos, mas por pequenos grupos que utilizam estes canais como forma de comunicação vertical, mais apropriado às necessidades dos líderes sindicais e de propagação de suas ações políticas do que um instrumento de participação política e de direito de comunicação dos trabalhadores.

### **Considerações finais**

A mídia opera com um discurso que cria um certo efeito de realidade sobre a sociedade, na medida em que prioriza determinados saberes religiosos, estéticos, científicos que prevalecem nas coberturas jornalísticas e são legitimados por entrevistas com uma série de especialistas em cada uma das áreas. Com isso, determinados conceitos e comportamentos são naturalizados e passam a ser assimilados discursivamente no dia a dia, através de estratégias discursivas como a escolha das fontes "autorizadas", modo de apresentação, tradução discursiva da ciência em midiática dentre outros. Desta forma, é inevitável que a sociedade assimile determinados



paradigmas discursivos e, conseqüentemente, remodele hábitos, conceitos, comportamentos.

No campo de estudo em questão neste artigo, a formação de sentidos do mundo do trabalho construído pela mídia, seja imprensa ou os produtos culturais veiculados pelos meios massivos, confirma-se uma perspectiva de ideologia dominante para legitimar esta nova forma de acumulação capitalista, introduzindo mecanismos de ajustes dos trabalhadores neste cenário na tentativa de amenizar ou barrar as pressões da classe trabalhadora nesta relação capital versus trabalho. Trabalho em equipe, liderança, produtividade, constante capacitação, multifuncionalidade são algumas peculiaridades que fazem apologia nesta nova fase que favorece muito mais o empregador do que o empregado, mas maquiadas como sucesso profissional, dinamismo, modernidade.

Por outro lado, a imprensa sindical, apesar do número reduzido de exemplares se comparado a grande mídia e seu poder de penetração, opera com públicos alvo mais direcionados e bem mais perto da realidade destes segmentos que faz com que seu poder de persuasão seja significativo. No entanto, o problema é que estes jornais sindicais são trabalhados com uma lógica de modelo dos veículos massivos, que ao invés de aproximar das suas bases e criar identificação acabam perdendo a atratividade e interesse dos trabalhadores que não se enxergam nestas publicações. Os lados subjetivos e multidentitário dos trabalhadores se perdem em conteúdos discursivos que tentam reerguer um modelo de sindicalismo de décadas atrás com outras realidades e desafios no mundo do trabalho. Com isso, os discursos destes veículos sindicais tornam-se clichês, apelam para o viés econômico e fazem propaganda de ações políticas dos líderes sindicais. Ao invés de tornarem-se um canal para os trabalhadores, torna-se um meio de veiculação da ideologia dominante dos diretores sindicais, atrelados com outros interesses de permanecer no poder destas instituições, conchavos políticos, dentre outros. Ou seja, refletem um modelo de mídia massiva com formações discursivas ratificando ideologias dominantes.

Como reafirmado em várias partes deste artigo, atualmente não tem como dissociar mídia de sociedade, os processos são todos mediados pelos meios de comunicação de massa que exercem um papel cada vez mais forte nesta “modelagem” econômica e social, fazendo com que os espectadores acreditem apenas na realidade que é construída pela mídia através de estratégias de agendamento de temáticas e acontecimentos, formas de comportamento, posturas profissionais. Alguns efeitos são naturalizados como se não existissem alternativas para estas ideologias dominantes.



Apostar em formas de comunicação popular que mostrem outros lados desta reconfiguração do capitalismo e destas relações capital e trabalho são fundamentais. Nisso, decorre a importância de se repensar a mídia sindical no seu papel de fazer uma leitura crítica destes meios massivos e de revelar percepções de sentido do mundo do trabalho de forma coerente com a organização e luta dos trabalhadores, construindo uma percepção do trabalho como uma força de aprimoramento individual e social, resgatando a noção de coletivo, solidariedade e igualdade de oportunidades.

### **Referências Bibliográficas**

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho – ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho** – 10ª edição, São Paulo, Boitempo, 2009.

BAUMANN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2005

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a Televisão - Seguido de A Influência do Jornalismo e Os Jogos Olímpicos* (tradução de Maria Lúcia Machado). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.

CARDOSO, Adalberto Moreira. “A filiação sindical no Brasil”. Dados - Revista de Ciências Sociais. Vol.44, Nº 01, 2001

FERREIRA, Maria Nazareth (org). **O Impasse da Comunicação Sindical: de processo interativo a transmissora de mensagens**. São Paulo, Cebela, 1995.

\_\_\_\_\_, **Imprensa Operária no Brasil**. São Paulo, Ática, 1988.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber** - Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves – 6ª edição, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2000.

GOLFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis, Vozes, 2007

HALL, Stuart. **A Identidade na pós-modernidade**. Tradução Tomaz da Silva – 4ª Ed. Rio de Janeiro, DP&, 2000.

\_\_\_\_\_. A Centralidade da cultura: notas sobre as revoluções do nosso tempo. Educação & Realidade. Porto Alegre: UFRGS/faced, v.22, n.2, jul/dez,1997, pg.15-46.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. 8ª edição. São Paulo, Loyola, 1999

JAMENSON, Fredric. **A virada cultural – reflexões sobre o pós moderno**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2006.



PERUZZO, Cícilia. **Comunicação nos movimentos populares- a participação na construção da cidadania.** Petrópolis, Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_, **Vozes Cidadãs: Aspectos teóricos e Análises de experiências de Comunicação Popular e Sindical na América Latina.** São Paulo, Angellara, 2004.

PINHEIRO, Marta de Araújo. Comunicação, consumo e produção de si. In: COUTINHO, Iluska; SILVEIRA JUNIOR. Potiguara Mendes da (org.) **Comunicação: tecnologia e identidade.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

POCHMANN, Márcio. “Os desafios do Sindicalismo Brasileiro nesse final de século”. **Revista de Sociologia e Política**, nº 10-11, pp 139-152, 1998

THOMPSON, E. **A miséria da teoria – ou um planetário de erros.** Trad. de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

SANTIAGO, Claudia , GIANNOTTI, Vito. **Comunicação Sindical – a arte de falar para milhões.** Petrópolis, Vozes, 1997.

VIEIRA, Toni André Scharlau. O descompasso entre o discurso sindical e o trabalho de base é uma questão de comunicação. In: PERUZZO, Cícilia. **Vozes Cidadãs: Aspectos teóricos e Análises de experiências de Comunicação Popular e Sindical na América Latina.** São Paulo, Angellara, 2004.